

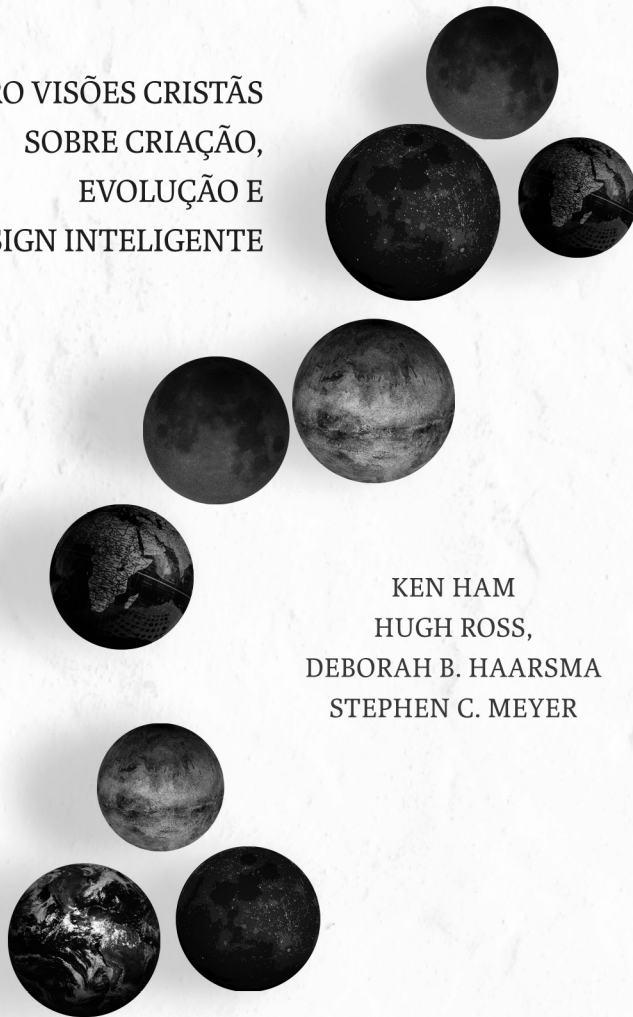
# A ORIGEM

Tradução de  
ROBERTO COVOLAN



# A ORIGEM

QUATRO VISÕES CRISTÃS  
SOBRE CRIAÇÃO,  
EVOLUÇÃO E  
DESIGN INTELIGENTE



KEN HAM  
HUGH ROSS,  
DEBORAH B. HAARSMA  
STEPHEN C. MEYER

  
THOMAS NELSON  
BRASIL

 Associação Brasileira  
Cristãos  
na Ciência

Título original: *Four views on Creation, Evolution, and Intelligent Design*  
Copyright © 2017 por Ken Ham, Hugh Ross, Deborah B. Haarsma,  
Stephen C. Meyer e J. B. Stump. Todos os direitos reservados.  
Copyright de tradução © Vida Melhor Editora S.A., 2019.

Todos os direitos desta publicação são reservados por Vida Melhor Editora, S.A.  
As citações bíblicas são da *Nova Versão Internacional* (NVI), a menos que seja  
especificada outra versão da Bíblia Sagrada.

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade do autor, não refletindo  
necessariamente a posição da Thomas Nelson Brasil, da *HarperCollins Christian  
Publishing* ou de sua equipe editorial.

Gerente editorial	<i>Samuel Coto</i>
Editor	<i>André Lodos</i>
Assistente editorial	<i>Bruna Gomes</i>
Produção editorial e preparação	<i>Marcelo Cabral</i>
Revisão	<i>Vanessa Belmonte e Francine de Souza</i>
Diagramação	<i>Sonia Peticov</i>
Capa	<i>Bárbara Lima</i>

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O78

A origem: quatro visões cristãs sobre criação, evolução e design inteligente  
/ Ken Ham...[et al]; tradução de Roberto Covolan. — Rio de Janeiro: Thomas  
Nelson, 2019.

304 p.

Título original: *Four views on creation, evolution, and intelligent design*  
ISBN 978-85-7167-000-6

1. Bíblia e evolução 2. Criacionismo 3. Evolução — Aspectos religiosos — Cris-  
tianismo 4. Design inteligente (Teleologia) I. Ham, Ken II. Covolan, Roberto

19-0607

CDD: 231.765

CDU: 231.51

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada à Vida Melhor Editora S.A. Todos os  
direitos reservados à Vida Melhor Editora S.A.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro

Rio de Janeiro – RJ – CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

[www.thomasnelson.com.br](http://www.thomasnelson.com.br)

# SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	7
<i>Colaboradores</i>	13
<i>Introdução</i>	15
<b>1. CRIACIONISMO DA TERRA JOVEM</b>	<b>25</b>
<b>Kem Ham</b>	
1.1 Resposta do Criacionismo (Progressivo) da Terra Antiga <i>Hugh Ross</i>	63
1.2 Resposta da Criação Evolucionária <i>Deborah B. Haarsma</i>	70
1.3 Resposta do Design Inteligente <i>Stephen C. Meyer</i>	78
RÉPLICA	85
<b>2. CRIACIONISMO (PROGRESSIVO) DA TERRA ANTIGA</b>	<b>91</b>
<b>Hugh Ross</b>	
2.1 Resposta do Criacionismo da Terra Jovem <i>Kem Ham</i>	129
2.2 Resposta da Criação Evolucionária <i>Deborah B. Haarsma</i>	137
2.3 Resposta do Design Inteligente <i>Stephen C. Meyer</i>	145
RÉPLICA	154

<b>3. CRIAÇÃO EVOLUCIONÁRIA</b>	<b>159</b>
<b>Deborah B. Haarsma</b>	
3.1 Resposta do Criacionismo da Terra Jovem	195
<i>Kem Ham</i>	
3.2 Resposta do Criacionismo (Progressivo) da Terra Antiga	203
<i>Hugh Ross</i>	
3.3 Resposta do Design Inteligente	21
<i>Stephen C. Meyer</i>	
RÉPLICA	220
<b>4. DESIGN INTELIGENTE</b>	<b>225</b>
<b>Stephen C. Meyer</b>	
4.1 Resposta do Criacionismo da Terra Jovem	264
<i>Kem Ham</i>	
4.2 Resposta do Criacionismo (Progressivo) da Terra Antiga	270
<i>Hugh Ross</i>	
4.3 Resposta da Criação Evolucionária	278
<i>Deborah B. Haarsmar</i>	
RÉPLICA	286
Conclusão	291

## PREFÁCIO

**A** iniciativa da editora Thomas Nelson Brasil de disponibilizar para o público brasileiro esta obra sobre criação, evolução e design inteligente é digna de aplauso e reconhecimento. Há muito a sociedade brasileira carece de um trabalho de referência que apresente, de forma equilibrada e informada, uma ampla exposição dos argumentos favoráveis e contrários às diferentes visões sobre esses temas, contextualizada ao ambiente cristão.

A questão das origens é certamente de grande interesse, não só pela imensa complexidade envolvida ao entrelaçar questões científicas, filosóficas e bíblico-teológicas, mas também pela paixão e controvérsia que costuma despertar. Trata-se, porém, de tema de alta relevância, cujas dificuldades precisam ser enfrentadas pela centralidade que ocupa na formação de uma cosmovisão cristã e nas discussões contemporâneas sobre a relação entre fé e ciência.

Algo que se constata nesta obra é que os quatro representantes das visões aqui expostas se declaram criacionistas e todos advogam a existência de propósito e design na natureza. Se estão de acordo, por que então o debate? Embora todos creiam em um Criador, a questão central é: *como* Deus criou? O universo já foi criado pronto e acabado ou evoluiu ao longo de um grande período de tempo? E, se evoluiu, será que Deus teria praticado intervenções miraculosas pontuais ao longo da história do universo? Questões como essas não teriam grande relevância para a maior parte dos cristãos há dois ou três séculos, mas desde então passamos por

movimentos intelectuais arrebatadores, como o iluminismo e o desenvolvimento da crítica bíblica, e por revoluções científicas cujos impactos culturais mais amplos redundaram, entre outras coisas, em ceticismo e secularismo generalizados. Não há, portanto, como escapar ao popular “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”. A discussão sobre as origens trata de questões fundamentais que *precisam* ser enfrentadas. E isso tem acontecido.

Em sintonia com demandas dessa natureza, alguns tradicionais veículos cristãos têm se aberto ao debate. Em junho de 2011, a tradicional publicação cristã *Christianity Today* trouxe, como matéria de capa, uma ampla discussão sobre o Adão histórico (*The search for the historical Adam*), reconhecendo as dificuldades para conciliar todas as informações disponíveis e sem descartar *a priori* nenhuma corrente de pensamento bem fundamentada. Um artigo paralelo, apresentando o ponto de vista oficial da revista, concluía com a seguinte recomendação:

Na atual conjuntura, aconselhamos paciência. Não precisamos de mais uma reação fundamentalista contra a ciência. Em vez disso, precisamos de um engajamento interdisciplinar positivo, que reconheça a boa vontade de todos os envolvidos e compreenda que raciocínio criativo leva tempo.” Ou seja, há questões cujo conhecimento só avança com novas descobertas e novos *insights*, algo, aliás, bem típico da pesquisa acadêmica.

Em número bem mais recente – janeiro de 2019 –, a mesma publicação trouxe um artigo impensável anos atrás: *Ten Theses on Creation and Evolution That (Most) Evangelicals Can Support* [Dez teses sobre criação e evolução que (a maioria dos) evangélicos podem apoiar], de Todd Wilson, presidente e cofundador da organização evangélica *Center for Pastor Theologians*.

Mencionamos esses exemplos aqui não com o intuito de sugerir de forma velada a defesa deste ou daquele ponto de vista – afinal, o livro tem como fundamento a exposição equivalente de quatro diferentes visões – mas, para indicar que, assim como se nota sinais consistentes de que as posições científicistas mais radicais



estão em declínio, não obstante a estridência do neoateísmo em anos recentes, observa-se também um interesse renovado entre os estudiosos cristãos em buscar no aprofundamento da exegese bíblica e da reflexão teológica novos espaços de compreensão da realidade que nos cerca e da história que nos precedeu, tendo em conta os avanços obtidos em outras áreas, inclusive na ciência.

Autores de um passado recente ou contemporâneos, como C.S. Lewis, Alister McGrath e James K. A. Smith, biblistas e pastores, como Derek Kidner, Bruce Waltke, John Walton, N. T. Wright e Timothy Keller – sem falar de evangelistas como Billy Graham – têm dado mostras eloquentes de que é possível manter a fidelidade confessional e coerência teológica sem ignorar as portas da realidade que têm sido abertas pelos avanços científicos.

Outro ponto que merece destaque é o privilégio que temos ao ver a imensa bibliografia disponível atualmente sobre o diálogo entre fé e ciência. Um pastor, um cientista curioso ou mesmo um cristão comum que há 30 anos tivesse interesse no tema se veria obrigado a uma busca desgastante, com pouquíssimo material disponível. Hoje, temos publicações científicas, centros de referência, dezenas de livros de autores conceituados, tudo isso disponível à distância de um clique. O campo da relação entre religião e ciência é vasto, estimulante e fundamental para relação entre fé cristã e contemporaneidade. Precisamos continuar avançando.

A leitura deste livro é muito instrutiva sob vários aspectos. Devido ao estilo ponto-contraponto, lucra-se muito quando a discussão permite aprofundamento e ganho em clareza sobre os temas em questão. Porém, nem sempre há concordância prévia nem mesmo sobre os próprios termos do debate. Fica evidente como alguns autores discordam sobre o que é ciência, método científico e o que conta como boas práticas de pesquisa. Discordâncias fundamentais também aparecem sobre o que fundamenta uma interpretação bíblica fiel ao Deus que se revela na Escritura. Cremos que a exposição dessas discordâncias deixará os leitores bem informados das diferentes visões e mais esclarecidos sobre o que está em jogo nesse debate.

Ao mesmo tempo, fica claro que o livro levanta questões que está longe de poder responder. Para aqueles que se sentirem motivados, será como adentrar um grande oceano, repleto de desafios e recompensas. A abundante bibliografia citada pelos autores na defesa de seus argumentos certamente será muito útil para estudos mais aprofundados nessa área.

Nós, da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (ABC<sup>2</sup>), celebramos a participação na produção desse grande livro. Certamente, se tornará marca importante em nossa ainda jovem trajetória, ao deixar clara nossa posição em relação ao debate das origens: todas as posições aqui expostas são bem-vindas à nossa mesa. A ABC<sup>2</sup> não subscreve particularmente nenhuma delas, ao passo que, enquanto associação, se compreende como um *locus* onde pessoas de diferentes trajetórias eclesiais e com distintas posições no debate sobre as origens podem dividir o pão, aprender mutuamente e ser encorajadas. Como temos afirmado, um dos nossos objetivos é o apoio à construção de uma *comunidade intelectual cristã* no Brasil, capaz de articular, em caridade e profunda erudição, os temas da fé cristã e sua relação com os diversos campos do saber. Uma comunidade intelectual é formada por pessoas, tendo nelas o seu mais precioso bem. Por isso, enfatizamos que a liberdade de consciência é fundamental para a construção de uma plataforma acadêmica que faça jus ao histórico cristão de hospitalidade, amor e compromisso com a verdade.

Esperamos que a publicação deste livro seja um verdadeiro convite às pessoas com os mais variados pontos de vista nesse assunto a se perceberem abraçadas em nosso meio. Vale lembrar também que a ABC<sup>2</sup> explora muitos outros campos na interface entre fé e ciência, que vão além do debate aqui exposto. Convidamos os interessados a visitar o nosso website ([www.cristaosnaciencia.org.br](http://www.cristaosnaciencia.org.br)), participar de nossos seminários ou visitar nossos grupos locais, que já são várias dezenas em todo o Brasil.

Com grande satisfação, queremos registrar uma nota especial de agradecimento ao time da Thomas Nelson Brasil, especialmente aos amigos Samuel Coto, Paulo Moura e André Lodos Tangerino.

Numa manhã ensolarada, em um café próximo à Av. Paulista, conversamos pela primeira vez sobre nossos sonhos e expectativas em relação ao público brasileiro. O ânimo e apoio deles têm se provado fundamentais para que a ABC<sup>2</sup> possa continuar avançando em seus projetos e disponibilizando conteúdo da melhor qualidade. Um agradecimento especial também ao nosso amigo Rodrigo Bibo, do podcast BiboTalk, que, como muito bem sabe fazer, construiu a ponte entre a ABC<sup>2</sup> e a Thomas Nelson Brasil.

Por fim, com muito entusiasmo, recomendamos o livro *A origem: quatro visões cristãs sobre criação, evolução e design inteligente* aos nossos leitores. Cremos que a profunda piedade que deve marcar a vida cristã é muito bem acompanhada do sincero esforço intelectual e do desafio sempre constante de conectar a fé cristã à realidade concreta e aos dilemas contemporâneos que nos cercam. Este livro é mais um passo nesse esforço, em que o debate, a exposição de ideias e diferentes pontos de vista devem se fazer acompanhar das marcas indeléveis da verdadeira sabedoria e da caridade cristã. Apesar dos diferentes conceitos e posições expressos neste livro, ao concluir, queremos sobrelevar o fator de unidade em torno do qual nos reunimos todos: Jesus Cristo, nosso Senhor, em quem, por quem e para quem todas as coisas, nos céus e na terra, foram criadas. A ele seja a glória para todo o sempre! Amém.

Equipe ABC<sup>2</sup>



## COLABORADORES

**Ken Ham** é o presidente/CEO e fundador da *Answers in Genesis* – US e do altamente aclamado *Creation Museum*. Ham é um dos palestrantes cristãos mais procurados na América do Norte. Sua ênfase está na relevância e autoridade do livro de Gênesis e em como a contemporização das interpretações de Gênesis abriu uma porta perigosa em relação a como a cultura moderna e a igreja veem a autoridade bíblica. Seu sotaque australiano, senso de humor aguçado, histórias cativantes e ilustrações excepcionais em slides fizeram dele um dos comunicadores cristãos mais eficazes da América do Norte.

**Hugh Ross** (PhD, Universidade de Toronto) é fundador e presidente da *Reasons To Believe* ([www.reasons.org](http://www.reasons.org)). Ele é autor de muitos livros, incluindo *More Than a Theory*, *Why the Universe is the Way It Is* e *Improbable Planet*. Ross, que é astrônomo, já falou a estudantes e professores em mais de trezentos campi nos Estados Unidos e no exterior em uma ampla variedade de tópicos sobre ciência e fé. De conferências científicas a igrejas e laboratórios do governo, Ross apresenta evidências poderosas para um universo cheio de propósitos. Ele mora na região de Los Angeles.

**Deborah B. Haarsma** (PhD, MIT) tem atuado como presidente da *BioLogos* desde 2013. Anteriormente, ela foi professora e chefe do Departamento de Física e Astronomia do Calvin College em

Grand Rapids, Michigan. Haarsma é uma pesquisadora experiente, com várias publicações no *Astrophysical Journal* e no *Astronomical Journal* sobre astronomia extragaláctica e cosmologia. É coautora (com seu marido Loren Haarsma) de *Origins: Christian Perspectives on Creation, Evolution, e Intelligent Design* e coeditora (com o Rev. Scott Hoezee) de *Delight in Creation: Scientists Share Their Work with the Church*. Talentosa em interpretar temas científicos complexos para o público leigo, Haarsma fala com frequência a igrejas, faculdades e escolas sobre as relações entre ciência e fé cristã.

**Stephen C. Meyer** é membro sênior do *Discovery Institute*. Ele recebeu seu título de doutor em filosofia da ciência da Universidade de Cambridge. Ex-geofísico e professor universitário, ele agora dirige o Centro de Ciência e Cultura do *Discovery Institute*, em Seattle. Ele é autor do best-seller do *New York Times*, *Darwin's Doubt: The Explosive Origin of Animal Life and the Case for Intelligent Design* (HarperOne, 2013), bem como de *Signature in the Cell: DNA and the Evidence for Intelligent Design* (HarperOne, 2009), que foi designado como Livro do Ano pelo Suplemento Literário do *Times* (de Londres) em 2009.

**J. B. Stump** (PhD, Universidade de Boston) é editor sênior da *BioLogos*, onde supervisiona o desenvolvimento de novos conteúdos e faz a curadoria do conteúdo existente para o *website* e materiais impressos. Ele é autor de *Science and Christianity: An Introduction to the Issues* (Wiley-Blackwell, 2017) e coautor (com Chad Meister) de *Christian Thought: A Historical Introduction* (Routledge, 2010). Ele coeditou (com Alan Padgett) *The Blackwell Companion to Science and Christianity* (Wiley-Blackwell, 2012) e (com Kathryn Applegate) *How I Changed My Mind About Evolution* (InterVarsity, 2016).

# INTRODUÇÃO

J. B. STUMP

**H**á muitos tópicos fundamentais sobre os quais os cristãos têm visões diferentes: eternidade, escatologia, eleição, eucaristia – apenas para citar alguns que começam com a letra e. Tais discordâncias não devem nos levar a concluir que todas as visões são igualmente apoiadas por evidências e razões, ou, menos ainda, pensar que não há respostas corretas para esses temas contenciosos. Contudo, a falta de unanimidade deveria nos levar a uma pausa para reflexão sobre a certeza com a qual mantemos nossos próprios pontos de vista e nos encorajar a explorar as maneiras pelas quais outros cristãos fiéis articularam suas crenças sobre esses assuntos.

Este livro visa fornecer um caminho para explorar as visões cristãs em relação à outra palavra sobre a qual há muita discordância: evolução. Estritamente falando, evolução não é um tópico teológico, portanto pode parecer estranho incluí-la nesta série de livros (duvido que haverá, nesta série, um livro sobre múltiplas visões acerca de gravidade quântica!). Contudo, a visão sobre evolução e tópicos científicos relacionados (como a idade da Terra) é frequentemente correlacionada com visões sobre a interpretação das Escrituras, Adão e Eva, o pecado original e o problema do mal. Tentar segregar opiniões sobre esses tópicos não evita que

nos confrontemos com a questão metodológica de como o conhecimento teológico está relacionado ao conhecimento obtido por meio das ciências. Assim, a evolução, ou o tema mais amplo das origens, que engloba esses tópicos mais apropriadamente, tem enorme relevância sobre como entendemos a fé cristã.

## POR QUE UMA NOVA EDIÇÃO?

Em 1999, a Zondervan publicou *Three Views on Creation and Evolution* [Três visões sobre a criação e a evolução], editado por J. P. Moreland e John Mark Reynolds. Poderíamos justificar um novo livro sobre esse assunto para a série *Counterpoints: Bible and Theology*, observando que houve uma mudança no formato (agora os coautores respondem uns aos outros) e a adição de outra visão (o design inteligente agora está incluído). Mas, um motivo mais forte pode ser dado: uma nova edição é justificada por causa das mudanças de panorama sobre o tema “origens” desde então.

Houve grandes descobertas científicas que são relevantes para nossa compreensão sobre as origens. Na cosmologia, foi feito o mapeamento detalhado da radiação cósmica de fundo, houve a descoberta de milhares de exoplanetas e a detecção empírica de ondas gravitacionais. Para a maioria dos cientistas, essas descobertas constituem impressionantes confirmações de teorias sobre a idade e o desenvolvimento do cosmos. Na paleontologia, foram descobertos tecidos moles preservados em fósseis de dinossauros. Isso significa que nossas teorias sobre quanto tempo o tecido mole pode sobreviver estavam erradas? Ou significa que os fósseis de dinossauros não podem ser tão antigos quanto se pensava ser? Também foram achados muito mais fósseis de homínídeos que não se encaixam perfeitamente em categorias humanas ou conhecidas de macacos. O Salão das Origens Humanas no *Smithsonian Museum of Natural History* apresenta agora fósseis de mais de 6 mil indivíduos. Onde estes se encaixam em nossa compreensão da conexão entre a vida e nossas teorias das origens humanas? E, sem dúvida, o considerável aumento na quantidade de dados científicos relacionados às origens, ocorrido nas últimas duas décadas, foi na genética.



O Projeto Genoma Humano completou seu mapeamento de todo o genoma humano em 2003, e nossa capacidade de comparar informações genéticas entre espécies aumentou dramaticamente.

Os eventos que moldaram a discussão sobre origens não estão apenas no campo da ciência. O julgamento de Dover (Pensilvânia, EUA), em 2005, fechou uma via de influência para o movimento do Design Inteligente (currículos das escolas públicas), mas aumentou seu perfil na mídia e na consciência pública. A organização criacionista da Terra jovem *Answers in Genesis* abriu o *The Creation Museum* (2007) e o *Ark Encounter* (2016), que foram visitados por centenas de milhares de pessoas. Francis Collins estabeleceu a Fundação BioLogos, em 2007, para promover a visão de que a ciência da evolução não está em conflito com a fé cristã.

Naturalmente, muitos livros relevantes sobre tópicos de origens, de todas as perspectivas, foram publicados desde 1999. A seguir, é apresentada uma amostra dessas obras (em ordem cronológica) contendo perspectivas abordadas neste livro:

ROSS, Hugh. *The Creator and the Cosmos: How the Latest Scientific Discoveries of the Century Reveal God*. Carol Stream, IL: NavPress, 2001.

FAZALE, Rana; ROSS, Hugh. *Who Was Adam? A Creation Model Approach to the Origin of Man*. Carol Stream, IL: NavPress 2005; updated Covina, CA: RTB Press, 2015.

HAM, Ken. *The New Answers Book*. v. 1. Green Forest, AZ: Master Books, 2006.

DEMBSKI, William A. *The Design Inference: Eliminating Chance through Small Probabilities*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

Collins, Francis. *The Language of God: A Scientist Presents Evidence for Belief*. New York: Free Press, 2006. [Ed. Bras.: *A Linguagem de Deus: Um cientista apresenta evidências de que Ele existe*. São Paulo: Editora Gente, 2007.]

MORTENSON, Terry; URY, Thane H. (Eds.). *Coming to Grips with Genesis: Biblical Authority and the Age of the Earth*. Green Forest, AZ: Master Books, 2008.

- MEYER, Stephen C. *Signature in the Cell: DNA and the Evidence for Intelligent Design*. San Francisco: HarperOne, 2009.
- WALTON, John. *The Lost World of Genesis One: Ancient Cosmology and the Origins Debate*. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2009.
- SNELLING, Andrew. *Earth's Catastrophic Past: Geology, Creation, & the Flood*. Dallas, TX: Institute for Creation Research, 2009.
- HAARSMA, Deborah B. and Loren. *Origins: Christian Perspectives on Creation, Evolution, and Intelligent Design*. Grand Rapids: Faith Alive Christian Resources, 2011.
- MEYER, Stephen C. *Darwin's Doubt: The Explosive Origin of Animal Life and the Case for Intelligent Design*. San Francisco: HarperOne, 2013.
- ROSS, Hugh; ROSS, Kathy. *Navigating Genesis: A Scientist's Journey Through Genesis 1–11*. Covina, CA: RTB Press, 2014.

Finalmente, a visão panorâmica sobre origens foi afetada pelo crescimento e desenvolvimento dos recursos da internet. Blogs, Facebook, YouTube e Twitter aumentaram maciçamente a disseminação de todos os tipos de informação, e os tópicos sobre origens em particular parecem estar super-representados na internet. Mesmo sem ter dados à mão para provar, acho que hoje uma porcentagem maior de pessoas está mais ciente dos debates sobre origens e tem opiniões sobre esses tópicos do que há duas décadas. Mas de onde vem essa informação? E qual informação está correta? Este livro procura trazer alguma organização e maior definição para esse grande número de argumentos e informações.

## AS QUATRO VISÕES

Há muitas posições possíveis (e correspondentes nuances) que podem ser assumidas em uma questão complexa como criação e evolução. Para limitar as opções, não estamos considerando aqui posições não cristãs e, mesmo dentro do cristianismo, estamos limitando a discussão àqueles que levam a Bíblia a sério como fonte de revelação de Deus. As posições resultantes tendem a se juntar em torno de quatro visões: o Criacionismo da Terra Jovem,

o Criacionismo da Terra Antiga, a Criação Evolucionária e o Design Inteligente.

Algumas observações sobre esses rótulos: primeiramente, “criacionista” é usado às vezes em um sentido restrito, para identificar aqueles que acreditam que uma leitura literal das Escrituras fornece detalhes científicos sobre o processo de criação. Nesse sentido, os defensores da evolução não poderiam ser qualificados como criacionistas, e há controvérsias sobre se os adeptos do design inteligente se encaixam nessa descrição. Essa última controvérsia muitas vezes se torna um exercício de ofensas mútuas e lança pouca luz sobre o assunto. Estou usando aqui o termo “criacionista” em um sentido mais amplo, ou seja, referindo-se a alguém que acredita que Deus é o Criador. Nesse sentido, todos os autores que contribuíram para este volume são criacionistas – na verdade, é difícil imaginar um cristão que não seja. Portanto, as divergências entre os nossos coautores não são sobre se as coisas foram criadas. São sobre quando as coisas foram criadas e se as teorias científicas atuais são descrições corretas do processo de criação ou se elas estão em conflito com as afirmações bíblicas sobre a Criação.

Outro ponto é que não há consenso completo sobre os rótulos que estou usando aqui. Criacionismo da Terra Jovem e Design Inteligente são descritores amplamente usados e precisos, por isso vamos mantê-los aqui. Criacionismo da Terra Antiga é, às vezes, chamado de Criacionismo Progressivo porque seus adeptos normalmente afirmam que Deus criou sobrenaturalmente diferentes tipos ou espécies, em uma progressão durante o longo período da história da Terra, e não de uma só vez (ou durante um período de seis dias). A criação evolucionária talvez seja mais frequentemente chamado de Evolução Teísta ou Teísmo Evolucionário, mas não creio que sejam termos úteis por alguns motivos. O primeiro deles é que há uma grande variedade de posições teológicas associadas à Evolução Teísta. A designação “criação evolutiva” tem sido cada vez mais usada para se referir aos teístas evolucionários que sustentam os credos cristãos tradicionais de que o Deus criador é um ser pessoal. Além disso, é estranho qualificar uma posição

científica como “teísta” quando não fazemos isso com quaisquer outras teorias científicas (por acaso, teístas sustentam uma “fotossíntese teísta”?).

Correndo o risco de uma simplificação excessiva, vou caracterizar as três primeiras posições em relação às suas visões quanto a alegações científicas contemporâneas. Existe um amplo consenso entre os profissionais das ciências físicas (física, química, geologia e astronomia) de que o universo tem 13,8 bilhões de anos e a Terra tem 4,5 bilhões de anos. Existe também um amplo consenso entre os profissionais das ciências da vida (biologia e medicina) de que a vida na Terra evoluiu a partir de ancestrais comuns. É claro que há muitos desacordos nos detalhes das teorias tanto nas ciências físicas quanto nas ciências da vida, mas a esmagadora maioria dos cientistas aceita que a ciência mostrou, sem margem para dúvidas, que a Terra é muito antiga e que a vida (incluindo os seres humanos) evoluiu a partir de ancestrais comuns.<sup>1</sup>

- Os criacionistas evolucionários aceitam essas conclusões centrais tanto das ciências físicas quanto das ciências da vida.
- Os criacionistas da Terra antiga aceitam as conclusões das ciências físicas quanto às idades da Terra e do universo, mas não aceitam a alegação central das ciências da vida de que toda vida evoluiu a partir de ancestrais comuns.
- Os criacionistas da Terra jovem não aceitam as conclusões centrais das ciências físicas ou das ciências da vida.

O design inteligente (DI) não se encaixa nesse padrão de caracterização, pois possui adeptos em todas as três categorias anteriores. Como alternativa, esta teoria pode ser melhor descrita por sua alegação central de que evidências científicas podem ser usadas para demonstrar a agência de um *designer*, que é identificado pelos cristãos como o Deus da Bíblia.

---

<sup>1</sup>Veja, por exemplo, as pesquisas da Pew sobre as crenças dos cientistas aqui: <http://www.pewinternet.org/2015/07/23/an-elaboration-of-aaas-scientists-views/>.

Cabe reiterar que mesmo dentro de cada uma dessas posições há muitas divergências. Por exemplo, criacionistas da Terra jovem discordam entre si quanto a invocar (ou não) a ideia de “aparência” de idade; criacionistas da Terra antiga discordam quanto a considerar cada dia da narrativa de Gênesis 1 como um longo período de tempo; criacionistas evolucionários discordam sobre a historicidade de Adão e Eva; teóricos do DI discordam sobre a ancestralidade comum. Não pedimos aos autores que contribuíssem para este volume que falassem sobre todas as nuances de cada visão, mas que apresentassem suas próprias opiniões sobre a questão das origens. Sem dúvida, os argumentos e as conclusões seriam diferentes se usássemos diferentes representantes para expressar as posições gerais de cada visão.

## OS AUTORES E SUAS ORGANIZAÇÕES

Quando a Zondervan me abordou sobre a edição de uma nova versão do livro, propus o uso de líderes das mais proeminentes organizações de ciência e fé nos Estados Unidos, afiliadas às quatro visões. Ficamos muito satisfeitos quando o primeiro escolhido para cada uma das posições aceitou nosso convite para contribuir.

Ken Ham foi professor de ciências do ensino médio em Queensland, na Austrália, antes de demitir-se em 1979 para formar um ministério de apologética centrado no Criacionismo da Terra Jovem. Em 1987, mudou-se para os Estados Unidos e trabalhou com outra organização criacionista da Terra jovem, o *Institute for Creation Research* [Instituto de Pesquisas sobre a Criação]. Ele fundou o *Creation Science Ministries* [Ministérios da Ciência da Criação] em 1994, que mudou seu nome para *Answers in Genesis* (AiG) [Respostas em Gênesis] em 1997. Ham continua a atuar como presidente da AiG. A organização desenvolve e distribui recursos para apoiar o Criacionismo da Terra Jovem e administra as atrações turísticas do *Creation Museum* e do *Ark Encounter* no norte de Kentucky (veja mais em <[answersingenesis.org](http://answersingenesis.org)>).

Hugh Ross obteve o PhD em astronomia pela Universidade de Toronto e realizou pesquisas sobre quasares e galáxias no Instituto

de Tecnologia da Califórnia. Durante a faculdade, ele se tornou cristão e decidiu testar a exatidão científica e histórica dos livros sagrados de diferentes tradições religiosas. Convenceu-se de que apenas a Bíblia passou no teste. Ross fundou a *Reasons to Believe* [Razões para crer], em 1986, como uma organização de apologética que tenta demonstrar a verdade do cristianismo mostrando que a Bíblia é cientificamente precisa. Ross ainda é o presidente dessa organização sediada em Los Angeles (veja mais em <reasons.org>).

Deborah B. Haarsma obteve seu PhD em física pelo MIT em 1997 e ensinou física e astronomia por quatorze anos no Calvin College. Ela se tornou presidente da fundação *BioLogos* em 2013. A *BioLogos* foi fundada por Francis Collins em 2007, depois que seu livro, *A linguagem de Deus*, provocou muito questionamento entre as pessoas, que se perguntavam como um cientista de classe mundial poderia ser um cristão comprometido. O site da *BioLogos* foi lançado em 2009 e continua a fornecer recursos destinados a mostrar a harmonia entre a ciência evolucionária e o cristianismo bíblico (veja mais em <biologos.org>).

Stephen C. Meyer começou sua carreira trabalhando em ciências da Terra, depois fez pós-graduação em história e filosofia da ciência, obtendo um PhD nessa área pela Universidade de Cambridge, em 1991. Ele lecionou em duas faculdades cristãs diferentes e depois ajudou a fundar o Centro de Ciência e Cultura do *Discovery Institute*. Meyer continua sendo o diretor de programa desse centro, que combate a alegação de que os seres humanos e a natureza são resultado de processos cegos e sem propósito; ao contrário, ele defende que são o resultado de design inteligente (veja mais em <discovery.org>).

Pode-se notar que nenhum desses autores é formado em teologia. Os tópicos envolvidos na discussão sobre origens são necessariamente interdisciplinares. No campo acadêmico mais amplo da ciência e da religião, é comum que muitas das principais vozes sejam cientistas que adquiriram fluência em temas teológicos. Todos os autores que contribuíram com este volume são experientes em explicar, para grandes audiências, as facetas científicas e teológicas do debate sobre as origens.

## O QUE PROCURAR NESTE LIVRO

O formato deste livro é consistente com outros volumes recentes da série de *Counterpoints: Bible and Theology* [Contrapontos: bíblia e teologia] com quatro colaboradores. O livro tem quatro partes, correspondendo às quatro visões dos autores que contribuíram. Cada parte consiste em um ensaio original de um dos autores representando essa visão, respostas dos outros três autores e uma tréplica do autor que representa a posição.

Pediu-se a cada um dos autores que escrevesse seus ensaios com as seguintes perguntas em mente:

- Qual é a sua posição sobre as origens – compreendida de maneira ampla para incluir o universo físico, a vida e os seres humanos em particular?
- Quais argumentos você considera mais persuasivos em defesa de sua posição? Quais são os maiores desafios para sua visão?
- Como você demarca, correlaciona e usa as evidências sobre origens provenientes da ciência atual e da revelação divina?
- O que é necessário para se ter a visão correta das origens?

## MINHA PRÓPRIA VISÃO

Não é preciso procurar muito para descobrir que eu mesmo tenho uma visão bastante definida sobre o tema das origens. Eu trabalhei para a *BioLogos* por vários anos e geralmente subscrevo a posição da Criação Evolucionária. Claro, isso levanta questões de parcialidade ou viés, mas espero que os leitores vejam que cada posição foi apresentada de forma justa e benevolente.

Meu principal objetivo para este livro é que ele seja um retrato preciso das conversas atuais sobre origens nos Estados Unidos. Como tal, foi meu papel como editor permitir que os autores representassem suas posições da melhor forma possível. Eu sugeri edições a todos eles quando achei que ajudariam a tornar seus pontos mais fortes ou mais claros, mas ficou inteiramente a cargo deles aceitar ou não essas sugestões. Eles mantiveram a autoridade plena e final sobre as palavras em suas respectivas seções.

Além da meta acadêmica de mostrar o estado atual das discussões nessa área, espero que este livro facilite o diálogo cordial entre cristãos com diferentes pontos de vista. Não devemos deixar que a paixão e a convicção com que mantemos nossas próprias crenças prejudiquem o que se supõe ser um aspecto central de nosso testemunho cristão para o resto do mundo: Jesus orou em João 17 para que seus discípulos fossem um para que o mundo pudesse acreditar em Jesus. Na medida em que nos consideramos discípulos de Cristo, devemos buscar essa unidade. Não acho que isso signifique que chegaremos a um acordo total, mesmo sobre questões muito importantes. Mas, talvez, ao ajudarmos uns aos outros a sermos intérpretes fiéis das Escrituras e do mundo criado, podemos chegar a entender e aceitar que nossas visões resultam de diferenças genuínas quanto às nossas melhores interpretações, e não de motivos nefastos quaisquer.

Espero que os leitores deste livro vejam os líderes dessas organizações interagindo civilizadamente e com integridade. Talvez isso ajude a mudar o tom do debate sobre origens em nossa geração. Além disso, não seria maravilhoso se pessoas de fora da igreja testemunhassem essa conversa e comentassem como Tertuliano relatou que um oficial pagão disse: “Veja como eles se amam!”? Origens é um tema importante. Mas devemos lembrar que Jesus não disse: “Através disso todos saberão que vocês são meus discípulos, se tiverem a mesma opinião sobre as origens” ou até mesmo “... se vocês tiverem a visão correta sobre as origens”. Mesmo que ninguém que esteja lendo este livro chegue a mudar de ideia, alguma coisa boa sairá disso se cada vez mais entendermos, respeitarmos e até amarmos mais uns aos outros.

Sem mais delongas, tenho o prazer de apresentar essas quatro visões sobre as origens.



# CRIACIONISMO DA TERRA JOVEM

Ken Ham

**O**s Estados Unidos, assim como o resto do anteriormente chamado “ocidente cristão”, estão passando por um acelerado colapso moral e espiritual de tirar o fôlego, que poucos teriam previsto dez anos atrás. A liberdade sexual (provavelmente nunca presente nas mentes dos autores da Constituição dos EUA) está ameaçando destruir a liberdade religiosa garantida na Primeira Emenda da Constituição. O relativismo pós-moderno, que é na verdade outro nome para o ateísmo, governa a cultura: não há verdade absoluta, nem moralidade absoluta.

Além disso, os “nenhuns” (aqueles que não declaram nenhuma afiliação religiosa) se aproximam agora de 25% da população.<sup>1</sup> Sessenta a oitenta por cento dos jovens criados em lares e igrejas que acreditam na Bíblia estão deixando a igreja e muitos estão abandonando a fé antes ou quando se formam no ensino médio.<sup>2</sup> A Bíblia e o cristianismo foram amplamente afastados das escolas e universidades

<sup>1</sup>JONES, Robert P. et al. *Exodus: Why Americans are Leaving Religion and Why They're Unlikely to Come Back* [Êxodo: Por que os americanos estão deixando a religião e por que é improvável que voltem]. Washington, DC: Public Religion Research Institute, 2016, 2.

<sup>2</sup>HAM, Ken; BEEMER, Britt. *Already Gone: Why your kids will quit church and what you can do to stop it* [Já se foram: Por que seus filhos vão sair da igreja e o que você pode fazer para impedir]. Green Forest, AR: Master Books, 2009.

administradas pelo governo. Os cristãos estão enfrentando crescente perseguição (perda de empregos, destruição de empresas etc.) por não se submeterem à revolução LGBT.

Como isso aconteceu em uma nação cuja fundação e cultura (até meados do século XX) foram profundamente influenciadas pelo cristianismo bíblico como nenhuma outra nação na história? Creio que a resposta está relacionada com Salmos 11:3: “Quando os fundamentos estão sendo destruídos, que pode fazer o justo?”

O ensino claro e a leitura mais natural de Gênesis 1–11, e, na verdade, de toda a Bíblia, é que (1) Deus criou o universo em seis dias literais de aproximadamente 24 horas, cerca de 6 mil anos atrás; (2) Ele amaldiçoou toda a criação originalmente “muito boa” depois da rebelião de Adão e em resposta a ela; (3) Ele destruiu o mundo com uma inundação global e catastrófica, de um ano, no tempo de Noé; e (4) Ele julgou a humanidade na Torre de Babel, dividindo sobrenaturalmente as pessoas em diferentes línguas e, assim, em diferentes grupos de pessoas. Foi nisso que a igreja acreditou quase universalmente durante os primeiros 1.800 anos até o início do século XIX, quando a maior parte da igreja aceitou a ideia que estava em desenvolvimento na geologia dos milhões de anos, e que foi seguida pela teoria de Darwin em 1859.

Desde *The Genesis Flood* [O dilúvio de Gênesis] (1961), livro de John Whitcomb e Henry Morris, um número crescente de cristãos, incluindo cientistas PhD em todo o mundo, novamente acreditam que essa visão da Terra jovem é bíblicamente necessária e cientificamente sólida.<sup>3</sup> Mas essa visão da Criação bíblica tem sido atacada por cientistas seculares (e, infelizmente, sutilmente por muitos cientistas cristãos professores) pelos últimos 200 anos. Gênesis 1–11 é a base de todo o restante da Bíblia. Todas as doutrinas maiores e menores – e o próprio evangelho – são fundadas direta ou indiretamente nos primeiros onze capítulos. Nas mentes de muitos na igreja, jovens e velhos, as fundações foram destruídas.

<sup>3</sup>Veja uma lista de alguns desses cientistas criacionistas modernos e históricos, com doutorado em ciências, em <<https://answersingenesis.org/creation-scientists/>>.

Por décadas, a maioria dos pais e igrejas não tem ensinado apologética bíblica ou criacionista. Nem a maioria dos seminários. Se ensinam apologética, geralmente ignoram a questão das origens. As igrejas não deram aos adultos e as crianças razões pelas quais acreditar na Bíblia e no evangelho para defender sua fé diante de desafios céticos. Muitas crianças criadas dentro de uma cosmovisão criacionista da Terra jovem não foram ensinadas a defender essa visão bíblicamente e cientificamente e, assim, foram facilmente influenciadas por evidências científicas aparentemente esmagadoras apresentadas pelos evolucionistas nas escolas, universidades e por meio da mídia. A partir de uma pesquisa nacional do *America's Research Group*, documentamos que a principal razão para o êxodo em massa de jovens da igreja é que a igreja não tinha respostas para as alegações dos evolucionistas, então os jovens concluíram que a Bíblia não é confiável.<sup>4</sup> Em contraste, dando palestras em muitas igrejas, escolas cristãs, faculdades e em muitas nações nos últimos 35 anos, descobri que as crianças que foram bem ensinadas na apologética criacionista em geral permaneceram fortes nessa convicção.

Para os criacionistas da Terra jovem, a tarefa apologética começa com a Escritura, pois é a Palavra de Deus inspirada e inerrante. Deus nos ensina a construir nosso pensamento na sólida rocha de sua Palavra (Mateus 7:24-27). Não devemos nos desviar para a direita ou para a esquerda (Josué 1:7-8). Devemos evitar ser levados cativos pelas tradições, filosofias e especulações dos homens, apegando-nos à Palavra de Cristo (2Coríntios 10:5; Colossenses 2:8). A Criação de Deus nos fala não verbalmente sobre sua existência e seus atributos (Romanos 1:18-20; Salmos 19:1; 97:6). Mas, as Escrituras nos falam verbal e sinceramente sobre muito mais. E, como veremos, a Criação é amaldiçoada, enquanto a Escritura (a Palavra escrita) não é. Sem a revelação bíblica sobre a queda do homem que impactou o cosmos, a criação dá uma mensagem

<sup>4</sup>Veja Ham e Beemer, *Already Gone*.

confusa sobre o Criador.<sup>5</sup> Portanto, começamos nossa reflexão sobre as origens (como em todas as outras áreas) com a Escritura, a Palavra santa e inerrante de Deus.

## EVIDÊNCIA BÍBLICA PARA A CRIAÇÃO DA TERRA JOVEM

Gênesis 1–11 é história – não poesia, parábola, visão profética ou mitologia. Isso é visto nas formas verbais hebraicas usadas em Gênesis 1 e nos capítulos seguintes, que são características de narrativa histórica, e não de poesia.<sup>6</sup> Gênesis 1–11 tem as mesmas características de narrativa histórica que Gênesis 12–50, a maior parte do Êxodo, grande parte de Números, Josué, 1Reis e 2Reis etc. Os primeiros capítulos de Gênesis citam pessoas reais, descrevem lugares reais e discutem eventos reais em tempo real. Além disso, os outros autores bíblicos e Jesus tratam Gênesis 1–11 (usando nomes específicos como Adão, Eva e Noé) como história literal.<sup>7</sup> Mesmo muitos proponentes da Terra antiga reconhecem que Gênesis 1–11 é uma narrativa histórica (ou seja, descreve de maneira direta os eventos reais na história do espaço-tempo<sup>8</sup>), e não poesia, mito

<sup>5</sup>Isto é claramente visto em muitas respostas ateístas a argumentos de design inteligente que são divorciados das Escrituras e defendidos por aqueles que aceitam a existência de morte há milhões de anos. Os ateus dão exemplos de males naturais, como mosquitos portadores de malária ou furacões que assolam a Terra e perguntam: “Quão inteligente é isso? Que tipo de Deus faria um mundo assim?”

<sup>6</sup>Veja BOYD, Steven. *The Genre of Genesis 1:1-2:3: What Means This Text?* [O gênero de Gênesis 1:1-2:3: O que significa este texto?] In: *Coming to Grips with Genesis* [Enfrentando Gênesis]. (Orgs.). MONTERSON, Terry; URY, Thane H. Green Forest, AR: Master Books, 2008. 163-92. A layman's summary of Boyd's research [Um resumo para leigos da pesquisa de Boyd] está em DEYOUNG, Donald. *Thousands, Not Billions: Challenging an Icon of Evolution* [Milhares, não bilhões: desafiando um ícone da evolução]. Green Forest, AR: Master Books, 2005, 157-72.

<sup>7</sup>MONTERSON; URY. (Org.). *Coming to Grips with Genesis*, 315-72.

<sup>8</sup>Não devemos cometer o erro de pensar que uma história não é precisa se não houver testemunhas oculares humanas (por exemplo, a narrativa dos primeiros cinco dias da semana da criação), senão teríamos de tirar a conclusão antibíblica e historicamente imprecisa de que Jesus não foi concebido pelo Espírito Santo atuando em Maria ou que Jesus não ressuscitou dos mortos (nenhum ser humano presenciou nenhum desses eventos). Deus pode mover e move homens a escrever uma história precisa sobre muitos eventos que nem eles nem nenhum outro ser humano jamais viu pessoalmente.

ou algum outro tipo figurativo de literatura.<sup>9</sup> O que essa história nos ensina? Muitos cristãos dizem: “Gênesis 1 nos diz *que* e *por que* Deus criou, não *como* e *quando* Ele criou.” Na verdade, o capítulo não nos diz por que Deus criou, mas certamente nos diz uma porção significativa sobre quando e como, conforme os argumentos seguintes demonstram.

### Os dias da Criação eram literais

Os criacionistas da Terra jovem argumentam que a Bíblia é muito clara quanto ao fato de que os dias da semana da Criação em Gênesis 1:1 – 2:3 são literais, dias de 24 horas, assim como nossos dias de hoje. Várias linhas de evidência apoiam essa conclusão. Em minhas experiências e leituras, muitos cristãos que dizem que não está claro quanto tempo duravam os dias da criação em Gênesis 1 negligenciaram algumas ou muitas dessas evidências bíblicas.

#### “Dia” é definido literalmente

A palavra hebraica para dia (*yom*) é definida em seus dois sentidos literais e normais na primeira vez em que é usada na Bíblia (Gênesis 1:5): (1) a porção luz do ciclo trevas-luz contrastada com a noite (*laylah*) e (2) o ciclo trevas-luz inteiro. Os dias são numerados (primeiro, segundo, terceiro etc.), e cada um é precedido pelo refrão “passaram-se a tarde (*‘ereb*) e a manhã (*boqer*).” Todos os outros lugares no Antigo Testamento onde *yom* é modificado por um número significa sempre um dia literal de 24 horas.<sup>10</sup> Todos os

<sup>9</sup>Veja, por exemplo, os argumentos em KAISER, Walter. *The Old Testament Documents: Are They Reliable and Relevant?* [Os documentos do Antigo Testamento: são confiáveis e relevantes?]. Downers Grove, IL: IVP, 2001, 53-83.

<sup>10</sup>Apenas dois versos são citados pelos proponentes da Terra antiga como objeção a esta afirmação: Zacarias 14:7 e Oseias 6:2. Mas, no primeiro caso, o contexto dos versos 14:1, 4 e 6 mostra que estão se referindo a um mesmo único dia (em hebraico *yom ehad*, assim como no final de Gênesis 1:5), o dia em que o Senhor retorna no final das eras. O Messias Jesus não vai retornar por longas eras, mas de repente, em um instante (“num piscar de olhos”: 1Coríntios 15:52 e 1Tessalonissenses 4:13ss). Em Oseias, o profeta chama o povo ao arrependimento e dá uma promessa de cura

outros usos de *laylah*, ‘*ereb* e *boqer* referem-se a uma noite literal ou tarde literal ou manhã literal, respectivamente, de um dia literal. Além disso, Gênesis 1:14 diz que os corpos celestes foram criados para o homem medir os anos literais, as estações literais e os dias literais (*yamim*, plural de *yom*).<sup>11</sup> Que os dias são sequenciais e não se sobrepõem é claro a partir das frases repetidas “e Deus viu” (7x), “assim foi” (6x), e “foi bom” (6x). A repetição é enfática: Deus terminou o trabalho de um dia antes de o dia seguinte começar.

Além disso, se Deus criou durante longos períodos de tempo (milhões de anos), existem várias maneiras em hebraico pelas quais Ele poderia ter dito isso.<sup>12</sup> Ele poderia ter usado *dor* (traduzido como “tempo”, “período” ou “geração”). Ou Ele poderia ter usado uma frase como “passado muito tempo” (Josué 23:1), ou “milhares e milhares” de anos (cf. Gênesis 24:60), ou “incontáveis milhares” de anos (cf. Números 10:36), ou “eras” (Joel 2:2). Ele poderia ter tomado emprestado uma palavra de uma língua vizinha, como muitas línguas fazem hoje e como Deus fez com as palavras aramaicas *zeman* ou ‘*iddan* (ambas traduzidas como “tempo” ou “tempos”) nos livros de Neemias e Daniel.<sup>13</sup> Em vez disso, Deus escolheu usar a única palavra hebraica (*yom*) que significa um dia literal de 24 horas.

espiritual e de reviver “depois de dois dias” e “no terceiro dia”. Mas, isso não trará conforto se não significa que Deus responderá prontamente e misericordiosamente ao retorno deles ao Senhor. O que isso poderia significar se a promessa fosse que Deus iria revivê-los duzentos a trezentos (ou mil ou milhões) anos depois de se arrependem? A promessa só faz sentido quando tomamos os dias literalmente e tomamos as frases como significando “rapidamente”. Nenhum desses versos mostra que *yom* modificado por um número pode significar algo ente de um dia literal.

<sup>11</sup>Veja também HASEL, Gerhard F. The “Days” of Creation in Genesis 1: Literal “Days” or Figurative “Periods/EPOCHS” of Time? *Origins* 21:1 (1994): 5-38; STEINMANN, Andrew E. חן ט As an Ordinal Number and the Meaning of Genesis 1:5, *Journal of the Evangelical Theological Society* 45:4 (2002): 577-84; MCCABE, Robert. A Defense of Literal Days in the Creation Week [A defesa dos dias literais na semana da Criação]. *Detroit Baptist Seminary Journal* 5 (2000): 97-123.

<sup>12</sup>As Escrituras repetidamente afirmam de várias maneiras que são inspiradas por Deus (“inspirada”, 2Timóteo 3:16) e, portanto, referem-se a si mesmas como a “Palavra de Deus”. Deus é o autor final. Deus moveu homens a escrever exatamente o que ele queria que escrevessem (2Pedro 1:20-21), embora usasse a experiência de vida, o treinamento e a personalidade de cada um. Sendo assim, o que o autor humano disse é o que Deus disse.

<sup>13</sup>Ele usou *zeman* em Neemias 2:6 e Daniel 2:16,21; 4:33 (Hebreus 4:36); e 7:25, e ‘*iddan* em Daniel 4:16, 23, 25, e 32 (Hebreus 4:13).